



Afluente do Rio Branco, bacia do rio Itanhaém, SP – Ricardo Castro

INFORMA PAN

Peixes e Eglas da Mata Atlântica

Grupo Assessor
05/2021
1ª Edição

PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica

Palavra do Coordenador

É com muito prazer que lançamos o 1º Boletim do Plano de Ação Nacional para a Conservação de Espécies de Peixes e Eglas da Mata Atlântica - PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica, como é conhecido. Os Planos de Ação Nacionais (PAN) são instrumentos de gestão e de políticas públicas, construídos de maneira participativa com a sociedade, que identificam e orientam as ações prioritárias para combater as principais ameaças que colocam em risco as espécies e seus ambientes naturais. O PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica abrange e estabelece estratégias prioritárias de conservação para um total de 90 espécies ameaçadas de extinção, sendo 67 espécies de peixes e 23 espécies de eglas, constantes da Lista Nacional de Espécies Ameaçadas de Extinção (Portaria MMA nº 445/2014). O PAN tem como objetivo geral “Melhorar o estado de conservação e popularizar peixes, eglas, rios e riachos da Mata Atlântica, nos próximos 5 anos”.

O artigo 225 da Constituição Federal do nosso País determina que todos temos o direito ao Meio Ambiente ecologicamente equilibrado e o dever de defendê-lo para as presentes e futuras gerações. Sendo assim, convidamos todas e todos a participarem com o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Aquática Continental - CEPTA, vinculado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio/MMA nesse esforço para recuperação das espécies aquáticas da nossa fauna ameaçadas de extinção.

Cláudio Fabi

Coordenador do PAN Peixes e Eglas
da Mata Atlântica

CEPTA realiza 1ª Oficina de Monitoria do PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica

O Plano de Ação Nacional para Conservação dos Peixes e Eglas da Mata Atlântica, coordenado pelo ICMBio/CEPTA, monitorou seu primeiro ano de implementação com evento remoto que ocorreu de fevereiro a abril deste ano.

O encontro virtual ocorreu entre os dias 29 a 31 de março e teve um total de 18 participantes de 12 instituições representadas, desde universidades do Nordeste quanto do Sul, incluindo membros do Grupo de Assessoramento Técnico (GAT), analistas do ICMBio, bolsistas e colaboradores.

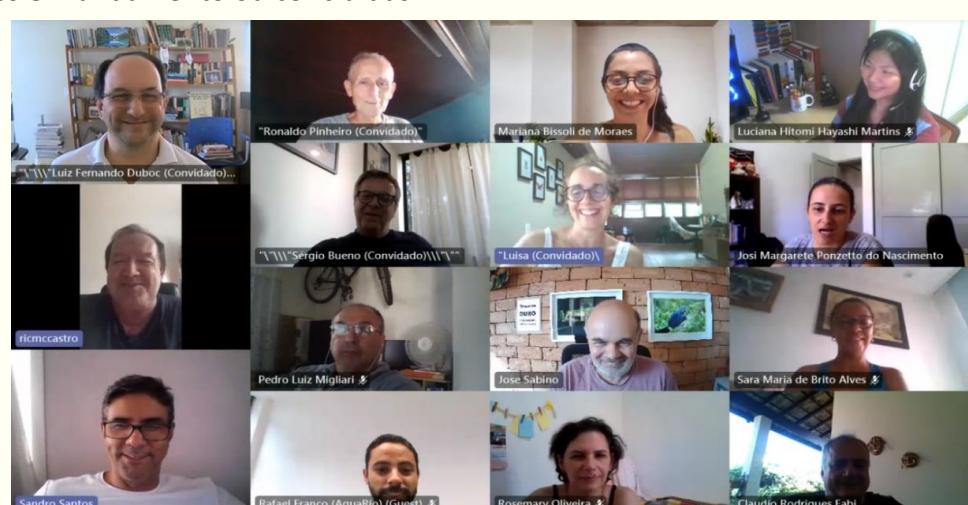
Foram monitoradas 39 ações do Plano neste primeiro ano de implementação. Mesmo diante da pandemia, que dificultou o desenvolvimento das atividades, principalmente de pesquisas em campo, o PAN apresentou 43% de ações em andamento ou concluídas.

Apesar das dificuldades do trabalho remoto, a equipe está focada e animada em atingir o objetivo do PAN, os encontros, mesmo que virtuais, foram muito produtivos com discussões importantes.

Um dos temas discutidos foi a realização de Seminários nas áreas de Unidades de Conservação para aproximação dos diálogos, divulgação das ações do PAN e estabelecimento de parcerias. A iniciativa tem previsão de realização em junho deste ano na área operacional norte do PAN.

Que o grupo permaneça com essa energia e continue contribuindo promoção da conservação das espécies do PAN!

Texto : Luciana Hayashi Martins e Mariana Bissoli de Moraes



Participantes da 1ª Oficina de Monitoria do PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica

O PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica na Chapada Diamantina!

Conheça sobre as espécies de peixes e as principais ameaças na Chapada Diamantina, BA

A Chapada Diamantina está figurada no Mapa dos sítios da Aliança Brasileira para Extinção Zero (Mapa BAZE, 2018), iniciativa que visa a proteção dos últimos refúgios para espécies severamente ameaçadas de extinção - Criticamente em Perigo (CR) e Em Perigo (EN).

Os contrafortes serranos da Chapada Diamantina abrigam três espécies deste PAN, uma no alto rio de Contas e duas delas no alto rio Paraguaçu. Em alusão a este contorno foi publicado o artigo: Rios e peixes do Paraguaçu na Chapada Diamantina: Conservação e perspectivas (Sarmento-Soares et al., 2020) organizado para trazer uma visão de conjunto da ictiofauna no alto rio Paraguaçu.

As principais ameaças aos rios na Chapada Diamantina no século XXI correspondem à herança da mineração de diamantes, a exploração recente de novos minerais, a expansão urbana desordenada, as atividades agrícolas com intensa irrigação de cultivo e o turismo de aventura em crescente expansão. Esse conjunto de intervenções impacta as águas e as populações naturais de peixes sensíveis.

A piaba da Pratinha, *Kolpotocheirodon figureiredoi* só é encontrada no Rio Santo Antônio, principal contribuinte do

Paraguaçu, mais precisamente na ressurgência da Pratinha, onde está localizada uma das mais emblemáticas atrações turísticas da Chapada- a gruta da Pratinha. Mas o que é uma ressurgência? É o reaparecimento ao ar livre de um corpo hídrico após percurso subterrâneo. O rio da Pratinha é uma ressurgência fluvial. É o rio do Gado após atravessar um caminho subterrâneo. Suas águas claras abrigam um conjunto de peixes e invertebrados, alguns deles únicos.



Gruta da Pratinha em Iraquara- Chapada Diamantina- BA

Por outro lado a piabinha *Lepidocharax diamantina* tem ocorrência em Palmeiras no vale do rio Capão e no Rio Utinga, este último severamente impactado por

atividades ligadas ao agronegócio e com problemas de disponibilidade hídrica. Pouco se sabe dos limites de distribuição dessas espécies, suas preferências de habitat, estilos de vida. Chamamos a atenção que o velho jargão conhecer para preservar se aplica aos rios da Chapada- caracterizar os ambientes e popularizar as espécies de peixes que habitam o Paraguaçu se faz necessário para a conservação da rica biodiversidade aquática regional.

Para saber mais:

- Sarmento-Soares, L.M., A.C.A. Santos e R. F. Martins-Pinheiro 2020. Rios e Peixes do Paraguaçu na Chapada Diamantina: Conservação e perspectivas. Boletim Sociedade Brasileira de Ictiologia, dezembro de 2020, Nº134. Disponível em: <http://www.nossacasa.net/nossosriachos/doc/2021-Sarmento-Soares et al.pdf>

Texto e foto: Luisa M. Sarmento-Soares e Ronaldo F. Martins Pinheiro

Córrego Grande- Oásis para peixes ameaçados de extinção no extremo norte do Espírito Santo

Área estratégica do Espírito Santo abriga quatro espécies do PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica



Acentronichthys leptos- bagrinho

A área estratégica Itaúnas se destaca pela presença de quatro espécies do PAN *Rachoviscus graciliceps* (Piaba vermelha), *Mimagoniates sylvicola* (Piaba amarela); *Ituglanis cahyensis* (Cambeva) e *Acentronichthys leptos* (bagrinho). Localizada em uma região cercada por monocultura de eucalipto, Sarmento-Soares et al. (2019) destacaram a importância dos remanescentes florestais em torno dos pequenos córregos para proteger estas espécies do PAN. Vale ressaltar que esta área estratégica contém as únicas populações vivas próximas da localidade tipo do bagrinho *Acentronichthys leptos*, descrito

originalmente no século XIX para o norte do Espírito Santo. Registros históricos apontam que esta espécie já existiu em um contribuinte do rio Doce próximo a REBIO Sooretama (reportados em Travassos, 1944), o que sugere que a redução populacional esteja associada à perda de ambiente. Destacamos a importância da preservação das matas ciliares, não apenas dentro de unidades de conservação como também nas zonas de amortecimento das mesmas. Os riachos florestados contribuintes do rio Itaúnas são fundamentais para manutenção das populações de espécies ameaçadas deste PAN que habitam a floresta de tabuleiro no

norte do Espírito Santo.

Medidas de manejo se fazem necessárias para garantir a integridade dessas espécies na região, que sofre muitas pressões. A popularização destas espécies localmente também é apontada como medida necessária a sua conservação.

Para saber mais:

- Sarmento-Soares, L.M., R. F. Martins-Pinheiro, F.V. Guimarães e G.F. Rezende. A REBIO Córrego Grande e seus peixinhos ameaçados de extinção: *Acentronichthys leptos* (Siluriformes, Heptapteridae) e *Mimagoniates sylvicola* (Characiformes, Characidae). Boletim Sociedade Brasileira de Ictiologia, Dezembro de 2018, Nº128. disponível em: http://www.nossacasa.net/nossosriachos/doc/2019_Sarmento-Soares et al.pdf

Texto e foto: Luisa M. Sarmento-Soares e Ronaldo F. Martins Pinheiro

Um peixinho capixaba criticamente ameaçado de extinção- a cambeva *Trichogenes claviger*

A cambeva é um peixe criticamente ameaçado de extinção

A área estratégica Caetés abriga uma diversidade única. Dentre as espécies alvo do PAN está *Trichogenes claviger*, ocupando categoria de máxima ameaça e, entre as ações deste plano estão algumas que visão estabelecer condições para que a espécie não desapareça. É conhecida de um único córrego, o córrego Picada Comprida, na sub-bacia do rio Caxixe, nas cabeceiras do Itapemirim, nos contrafortes serranos ao sul do Espírito Santo.

Este pequeno peixe habita uma área entre reservas, situada entre o Parque Estadual de Forno Grande e a RPPN Águia Branca, mas não há registros para o interior das áreas protegidas adjacentes. Em se tratando de uma espécie criticamente ameaçada de extinção, seus limites de

distribuição devem ser mais bem conhecidos, e estudos de viabilidade populacional da espécie estão sendo planejados. Sarmento-Soares et al. (2018) destacam a importância da Mata de Caetés, que abriga remanescentes florestais que protegem diversas espécies de flora e fauna, em especial de aves, como a saíra apunhalada (*Nemosia rouraei*), espécie rara e restrita a matas bem preservadas. Considerada uma área prioritária para a conservação da diversidade biológica, o IEMA instruiu processo para a criação de Unidade de Conservação Caetés, visando a proteção de nascentes e preservação de rica biodiversidade local.

A equipe do PAN Peixes e Eglas já está



Trichogenes claviger- cambeva

em conversação com o IEMA para reforçar a viabilidade desta área protegida, buscando a sobrevivência de importantes elementos da biodiversidade, e ainda reforçando a manutenção do potencial hídrico de abastecimento rural e urbano a jusante de Caetés. Este diálogo entre os órgãos ambientais está em consonância com a Ação 2.8 do PAN- Fazer gestão para a implementação da proposta de criação da UC Caetés na área de ocorrência de *Trichogenes claviger* (Município de Castelo - ES).

Para saber mais:

- Sarmento-Soares, L.M., R. F. Martins-Pinheiro, L.S.F. Martins, S. Nunes e J.L. Helmer. 2018. Trichogenes claviger um peixinho capixaba criticamente ameaçado de extinção: “Caetés” uma Unidade de Conservação que pode protegê-lo. Boletim Sociedade Brasileira de Ictiologia, Setembro de 2018, Nº127. disponível em: http://www.nossacasa.net/nossosriachos/doc/2018_Sarmento-Soares_et_al.pdf

Texto e foto: Luisa M. Sarmento-Soares e Ronaldo F. Martins Pinheiro

Extremo sul da Bahia protege espécies de peixes de riacho ameaçados de extinção

Duas áreas no extremo sul da Bahia- as áreas estratégicas Trancoso e Cumuruxatiba-Cahy – abrigam quatro espécies de pequenos peixes de riacho ameaçadas de extinção, e alvo deste PAN. São eles: *Rachoviscus graciliceps* (Piaba vermelha), *Mimagoniates sylvicola* (Piaba amarela); *Ituglanis cahyensis* (Cambeva) e *Acentronichthys leptos*, sendo as três primeiras espécies endêmicas da mata atlântica de tabuleiro.

A divulgação e popularização das espécies de peixes de tabuleiro foi objetivo do livro - Peixes da floresta de tabuleiro na Mata Atlântica Nordeste - Guia de identificação – que visa tornar os peixes desta região mais bem conhecidos e sua identificação mais acessível, possibilitando um melhor conhecimento das espécies que habitam a floresta atlântica de tabuleiro. O livro é interativo e disponível online (Sarmento-Soares e Martins-Pinheiro, 2019), divulgado a público em boletim (Sarmento-Soares e Martins-Pinheiro, 2020). Os ambientes de vida desses pequenos peixes de riacho, habitantes da floresta de tabuleiro foram trabalhados em uma visão que incluiu a manutenção dos entornos hidrográficos das Unidades de Conservação (UCs),

levando em consideração as espécies, os ambientes ripários, e as pessoas com suas atividades econômicas (Sarmento-Soares et al. 2019). Este estudo focalizou a região de Cumuruxatiba, na zona de amortecimento do Parna do Descobrimento e a microbacia de Trancoso que tem quase metade da sua área incluída no Parna Pau Brasil.

O colorido vibrante da piaba vermelha *Rachoviscus graciliceps* em seu ambiente natural nem é tão chamativo. Como habitam águas escuras, cor de chá mate, sua cor não fica tão evidente. Vivem em águas rasas de correnteza fraca de riachos e poças de nascentes próximos ao mar. Se barrar o córrego com represa, esses peixinhos irão desaparecer...



Rachoviscus graciliceps- piaba vermelha, e suas nadadeiras vermelhas, inclusive as pélvicas

Para saber mais:

- Sarmento-Soares, L.M. e R. F. Martins-Pinheiro 2020. O PAN e os peixes dos rios e riachos da Mata de Tabuleiros. Boletim Sociedade Brasileira de Ictiologia, março de 2020, Nº131.
- Disponível em: http://www.nossacasa.net/nossosriachos/doc/2020_Sarmento-Soares_e_Martins-Pinheiro.pdf
- Sarmento-Soares, L.M., R. F. Martins-Pinheiro e J. Pratavieira. 2019. Rios da mata de tabuleiro no extremo sul da Bahia conservam quatro espécies de peixes de riacho ameaçadas. Boletim Sociedade Brasileira de Ictiologia, dezembro de 2019, Nº130.
- Disponível em: http://www.nossacasa.net/nossosriachos/doc/2019_Sarmento-Soares_Martins-Pinheiro-Cumuruxatiba_Trancoso.pdf
- Sarmento-Soares, L.M. e R. F. Martins-Pinheiro 2019. Peixes da floresta de tabuleiro na Mata Atlântica Nordeste- Guia de identificação. ISBN 978-65-81333-00-3 (on-line). 390p. Niterói: Instituto Nossos Riachos. Livro eletrônico ISBN 978-65-81333-00-3 (on-line) disponível em: <http://nossacasa.net/nossosriachos/tabuleiros/>

Texto e foto: Luisa M. Sarmento-Soares e Ronaldo F. Martins Pinheiro

Egla. Prazer em conhecê-la.

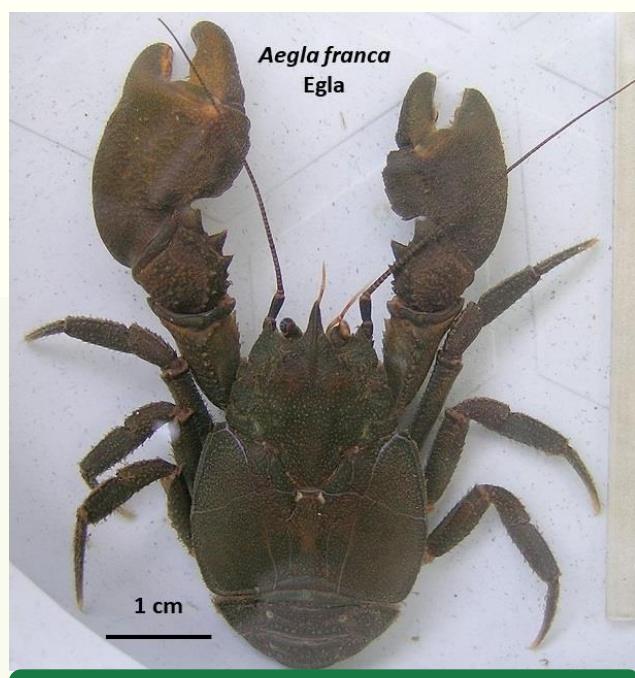
Venha descobrir quem são as eglas!

Talvez você já tenha tido a oportunidade de encontrar um crustáceo de água doce que você provavelmente achou que era um caranguejo. Afinal, você já deve ter visto vários tipos de caranguejos, não só na água doce como também no mar, além de figuras e desenhos destes animais em muitos livros e revistas. Um exemplo de caranguejo que vive em ambiente de água doce é a espécie *Trichodactylus fluviatilis*, pertencente à família Trichodactylidae, encontrada em vários riachos e córregos de nosso país. Dá para notar que este caranguejo tem dez apêndices longos, cinco de cada lado do corpo globoso, sendo que o primeiro par apresenta um quela, ou pinça, na extremidade e os quatro últimos pares são pontudos na extremidade, funcionando como pernas para o animal se movimentar no fundo.



Macho do caranguejo *Trichodactylus fluviatilis*

Agora preste atenção na próxima foto. É um exemplar macho de *Aegla franca*. As eglas pertencem a uma outra família de crustáceos de água doce, a família Aeglidae. Se você já teve a oportunidade de ver algum animal parecido com este em algum riacho na região Sul e Sudeste do Brasil, provavelmente você deve também ter achado que era um caranguejo. Mas as eglas não são caranguejos.



Macho de egla *Aegla franca*

Na verdade, as eglas têm o mesmo número de apêndices que os caranguejos, mas só vemos quatro pares porque o último par é bastante reduzido, de difícil visualização e fica normalmente escondido. As eglas ainda diferem dos caranguejos em outras características, mas o número de apêndices visíveis e dispostos lateralmente ao corpo do animal é um traço marcante e de fácil observação.

As eglas são animais que ocorrem apenas em ambientes de água doce e, apesar de pouco conhecidas, elas estão presentes em vários córregos, arroios e pequenos riachos em todos os três estados da região Sul e nos estados de São Paulo e sul de Minas Gerais na região Sudeste. São encontradas em ambientes de água limpa e bem oxigenada. Estes animais são geralmente encontrados em trechos de cursos de água de baixa ordem, caracterizados por apresentarem grande hidrodinamismo e alto nível de oxigenação em toda a coluna d'água. Não é à toa, portanto, que a presença de egas nestes locais é associada a locais com boa qualidade ambiental.

Vivem sempre no fundo onde encontram alimento e locais para se esconder. São mais ativas durante a noite, mas se você tiver a felicidade de vê-las durante o dia, verá que elas andam no fundo do córrego com bastante agilidade em todas as direções, às vezes para a frente, às vezes meio de lado e às vezes para trás. Em outros momentos elas podem nadar rapidamente para trás para se afastar da possível ameaça, como por exemplo a proximidade de um possível predador ou mesmo com a nossa aproximação quando caminhamos no córrego. Este rápido movimento para trás é feito com o auxílio do abdômen. Esta região do corpo é larga e dobrada sobre si mesma. Quando se sentem ameaçadas, as egas desdobram e dobram o abdômen várias vezes seguidas e em sequência, como se estivessem usando esta parte do corpo como um remo. As lagostas e os camarões, quando ameaçados, também usam esta região do corpo para deslocamentos rápidos para trás.

As egas são onívoras. Alimentam-se de material vegetal como folhas em decomposição, de pequenos animais vivos como larvas aquáticas de insetos ou mesmo de animais mortos que encontram à disposição no ambiente. Elas exploram o ambiente incansavelmente, sempre atentas a estímulos que indiquem a presença de alimento. Isto é feito com as antenas.

As egas são animais que recentemente vêm despertando grande interesse em ações de conservação no Brasil uma vez

que são bastante sensíveis à degradação ambiental. Em publicações recentes sobre o estado de conservação dos eglídeos da fauna brasileira (Bueno et al. 2016; Santos et al, 2017; Boos et al. 2020), verificou-se que a maioria das espécies desses crustáceos encontrava-se ameaçada de extinção. Atualmente, no Brasil há 57 espécies descritas com ocorrência nas regiões Sul e Sudeste. A maioria está presente em áreas da Mata Atlântica.

A questão da conservação dos eglídeos de nossa fauna torna-se ainda mais preocupante pelo fato de grande parte das espécies que ocorrem em nosso país apresentam distribuição geográfica muito restrita. Com a contínua e intensa degradação que vem se impondo sobre os frágeis ambientes de água doce em áreas de cursos d'água de baixa ordem, não é difícil de imaginar a perda irreversível da riquíssima biodiversidade nestes locais. Ações que visem a conservação destes crustáceos peculiares e da biota devem ter um alvo maior e que envolvam a preservação do ambiente e toda a biota que a caracteriza, que é única e que infelizmente prossegue pouco ou nada conhecida pela Ciência e pelo público em geral.

Agradecimentos à FAPESP (temático/Biota – Intercrusta proc.2018/13685-5) e CNPq (proc. 311690/2018-1)

Para saber mais:

- Boos, H; Salge, PB & Pinheiro, MAA. 2020. Conservation status and threats of aeglids: Beyond the assessment. In: Santos, S & Bueno, SLS (eds.), Aeglidae. Life History and Conservation Status of Unique Freshwater Anomuran Decapods. CRC Press, Boca Raton, USA. p. 233-255.
- Bueno, SLS; Shimizu, RM & Moraes, JCB. 2016. A remarkable anomuran: The taxon *Aegla* Leach, 1820. Taxonomic remarks, distribution, biology, diversity and conservation. In: Kawai, T & Cumberlidge, N (eds.), A Global Overview of the Conservation of Freshwater Decapod Xrustaceans. Springer, Cham, Switzerland. p: 23-64.
- Santos, S; Bond-Buckup, G; Gonçalves, AS; Bartholomei-Santos, ML, Buckup, L & Jara, CG. 2017. Diversity and conservation status of *Aegla* spp. (Anomura, Aeglidae): an update. Nauplius 25: e2017011.

Vocês sabem quais peixes de água doce são os mais ameaçados do Brasil?

Entrevista com o Prof. Ricardo Castro



Trecho da entrevista do Prof. Ricardo

O Prof. Dr. Ricardo M. C. Castro (Coordenador Executivo PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica), docente e pesquisador da USP Ribeirão Preto, responde a essa pergunta em entrevista ao Nexo Jornal que pode ser acessado no link:
https://youtu.be/4xmgt_5rClw

Segundo Ricardo, o Brasil possui uma megadiversidade de peixes de água doce. Aproximadamente 70% dessa ictiofauna atingem até 15 cm de comprimento, ou seja, são peixes de pequeno porte.

Segundo ele, 81% das espécies ameaçadas são peixes de pequeno porte, sendo os peixes anuais da Família Rivulidae os mais ameaçados, totalizando 40% das espécies da lista vermelha!

Além disso, o pesquisador falou sobre a importância da preservação da mata ciliar

e dos ambientes aquáticos, principalmente de riachos e poças temporárias. Ricardo também ressaltou a importância dos Planos de Ação Nacionais, coordenados pelo ICMBio/CEPTA, para mitigar e reverter as ameaças às espécies aquáticas.

Para saber mais:

- [\(Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção – Volume VI Peixes\)](https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/publicacoes-diversas/livro_vermelho_2018_vol6.pdf)
- [\(Planos de Ação Nacionais do ICMBio\)](https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan)
- Castro, R.M.C. & Polaz, C.N.M. 2020. Small-sized fish: the largest and most threatened portion of the megadiverse neotropical freshwater fish fauna. Biota Neotropica 20(1), 1-12. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/bn/v20n1/1676-0611-bn-20-01-e20180683.pdf>

Texto: Luciana Hayashi Martins e Mariana Bissoli de Moraes

Foto: NexoJornal

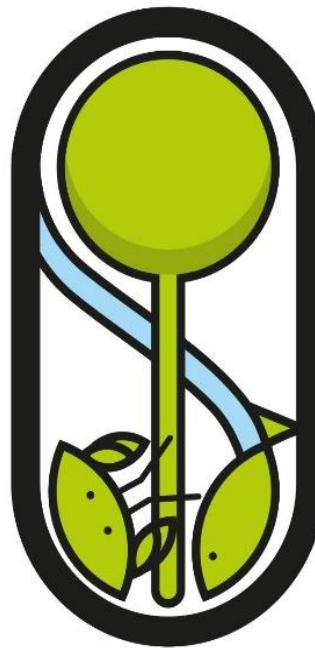
O apanhador de desperdícios

Manoel de Barros

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água, pedra, sapo.
Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionácia.
Só uso a palavra para compor meus
silêncios.

Nosso Logotipo



Marca e logotipo do PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica

Um bom logotipo deve ser visualmente simples, inesquecível, atemporal e versátil, possível de ser aplicado a diferentes mídias sem perder a identidade. Tem, ainda, que ter a capacidade de ser reduzido ou ampliado, mantendo sua qualidade visual.

A partir dessas premissas, a produtora multimídia Natureza em Foco (www.naturezaemfoco.com.br) criou e doou o logotipo ao grupo de Assessoramento Técnico do PAN Peixes e Eglas da Mata Atlântica. Nossa equipe de criação usou os elementos visuais centrais, peixes e eglas, conectando-os aos seus habitats, os rios e riachos da Mata Atlântica. Os elementos estão emoldurados por uma forma anelar, que procura dar a um só tempo, a visão de modernidade e proteção. Além disso, adotamos uma paleta de cores que remete aos lindos ambientes e seus elementos transitam entre a solidez e a beleza em que a iniciativa de conservação está inserida.

Texto: José Sabino

Criação logotipo: Natureza em Foco

Grupo de Assessoramento Técnico do PAN

Coordenador: Claudio Fabi – ICMBio/CEPTA/ **Coordenador Executivo:** Ricardo Castro – FFCLRP USP/SP

Membros: José Sabino – UNIDERP; Luisa Sarmento-Soares – Instituto Nossos Riachos; Luiz Fernando Duboc - UFES; Pedro Luiz Migliari - ICMBio/CEPTA; Priscila Camelier – UFBA; Ronaldo Martins-Pinheiro - Associação de Amigos do Museu de Biologia Professor Mello Leitão – SAMBIO; Sandro Santos – UFSM; Sara Alves - SEMA-BA; Sérgio Bueno – USP; Sérgio Lima – UFRN.

Quer contribuir com informações para o nosso boletim?

Envie sua notícia para o endereço eletrônico: cepta.pan@gmail.com

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Aquática Continental – ICMBio/CEPTA

Endereço:

Rodovia SP-201 (Pref. Euberto Nemésio Pereira de Godoy), Km 6,5, Caixa Postal 64 CEP 13.630-970 - Pirassununga - SP

Contatos:

Telefone: (19) 3565-1260
E-mail: cepta.sp@icmbio.gov.br
Site: www.icmbio.gov.br/cepta



@ceptaicmbio

ceptaicmbio

CEPTA Comunicação

